



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CURSO DE PSICOLOGIA**  
**CAMPUS SOBRAL**

**FRANCISCA BRUNA PEREIRA FARIAS**

**DIZ JUVENTUDES: A PERCEPÇÃO DA JUVENTUDE MORADORA DAS  
PERIFERIAS DA CIDADE DE SOBRAL- CEARÁ ACERCA DAS DIMENSÕES  
SUBJETIVAS DA DESIGUALDADE SOCIAL**

**SOBRAL**  
**2018**

FRANCISCA BRUNA PEREIRA FARIAS

DIZ JUVENTUDES: A PERCEPÇÃO DA JUVENTUDE MORADORA DAS  
PERIFERIAS DA CIDADE DE SOBRAL- CEARÁ ACERCA DAS DIMENSÕES  
SUBJETIVAS DA DESIGUALDADE SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Psicologia,  
Campus Sobral, da Universidade Federal  
do Ceará, como requisito parcial à  
obtenção do título de Bacharel em  
Psicologia.

Orientador: Prof. Dra. Nara Maria Forte  
Diogo Rocha.

SOBRAL

2018

FRANCISCA BRUNA PEREIRA FARIAS

DIZ JUVENTUDES: A PERCEPÇÃO DA JUVENTUDE MORADORA DAS  
PERIFERIAS DA CIDADE DE SOBRAL- CEARÁ ACERCA DAS DIMENSÕES  
SUBJETIVAS DA DESIGUALDADE SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Psicologia,  
Campus Sobral, da Universidade Federal  
do Ceará, como requisito parcial à  
obtenção do título de Bacharel em  
Psicologia.

Orientador: Prof. Dra. Nara Maria Forte  
Diogo Rocha.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Nara Maria Forte Diogo Rocha

---

Prof Dr. Francisco Pablo Huascar Aragão

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Francisca Denise Silva do Nascimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

Farias, Francisca Bruna Pereira.

DIZ JUVENTUDES: A PERCEPÇÃO DA JUVENTUDE MORADORA DAS PERIFERIAS DA CIDADE DE SOBRAL- CEARÁ ACERCA DAS DIMENSÕES SUBJETIVAS DA DESIGUALDADE SOCIAL / Francisca Bruna Pereira Farias. – 2018.

48 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Curso de Psicologia, Sobral, 2018.

Orientação: Profa. Dra. Nara Maria Forte Diogo Rocha.

1. Juventude. 2. Desigualdade social. 3. Psicologia. 4. Subjetividade. I. Título.

CDD 150

---

Á Deus.

E a todos que contribuíram direta e indiretamente em minha formação acadêmica.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que me acompanharam na jornada de elaboração e conclusão desse trabalho.

Aos meus pais, Pedro e Vilani, pelo amor incondicional, apoio e incentivo durante toda a minha vida. Sei que as dificuldades e conquistas que enfrentei só foram possíveis graças aos ensinamentos que me repassaram.

Ao Taciano, pelo amor, incentivo e paciência. Não tenho palavras para agradecer por todos os momentos que estive ao meu lado.

Aos meus irmãos, pelo afeto e companheirismo. Obrigada por sempre acreditarem em mim.

À minha Orientadora, Nara Maria Forte Diogo Rocha, pelos ensinamentos, paciência e incentivo. O carinho e a sensibilidade que transmitiu durante suas orientações facilitaram a construção desse trabalho e se tornaram exemplos de afeto.

Aos meus companheiros de extensão, que estiveram comigo nos territórios, nos estudos coletivos, no sol percorrendo a cidade de Sobral. Obrigada por estarem ao meu lado e tornarem mais leve essa jornada.

Aos meus colegas de graduação, em especial a Alana, o Ítalo e a Kelviane, pelas risadas, companheirismo e experiências compartilhadas.

Aos membros da banca, que tão prontamente aceitaram o convite de estarem aqui. A todos os professores e colaboradores pelos conhecimentos compartilhados.

Aos jovens, que protagonizaram as histórias aqui contadas, pela confiança e abertura.

“Por isso cuidado meu bem,  
Há perigo na esquina  
Eles venceram e o sinal  
Está fechado prá nós  
Que somos jovens”.  
(Belchior)

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar como os jovens moradores de periferias localizadas na cidade de Sobral - Ceará vivenciam e significam em seu cotidiano as dimensões subjetivas da desigualdade Social. Nessa perspectiva entende-se que a desigualdade social no Brasil é um fenômeno complexo, que se constitui como uma marca da sociedade. Possui além de uma dimensão objetiva ligada a fatores econômicos, uma dimensão subjetiva que marca e constitui os modos e relações dos sujeitos, conferindo-lhes sentidos e significados. Para investigar esse fenômeno irá se trabalhar com um recorte específico da população brasileira, a juventude. Compreende-se que a juventude é uma categoria social múltipla e plural, e que os jovens são sujeitos sociais ativos que se apropriam e interpretam os contextos que estão inseridos. O referido estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, que consiste em uma análise das transcrições de material produzido durante o documentário "Diz Juventudes", realizado como atividade de extensão no curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, Campus Sobral. A partir do que foi ouvido nas falas dos jovens durante as entrevistas do documentário, organizou-se os resultados e discussões em cinco categorias que descrevem como esse público percebe e vivencia o fenômeno da desigualdade. Tais categorias emergiram a partir da análise do material, não estando previamente decididas. Em Sobral, a desigualdade social é percebida pelos jovens através de múltiplos aspectos: na infraestrutura, na divisão dos locais públicos da cidade e no acesso diferente a bens e serviços. O trabalho foi uma oportunidade dessas juventudes mostrarem quem são, para além dos rótulos e estigmas, ressignificando esses espaços e buscando entender suas histórias e vivências.

**Palavras- Chave:** Juventude. Desigualdade social. Psicologia. Subjetividade.

## ABSTRACT

The study aimed to analyze how Young people living in the periphery located in Sobral - Ceara experience and symbolize in their daily lives the subjective dimensions of social inequality. In this perspective, social inequality in Brazil is a complex phenomenon that constitutes itself as a mark of a society. Besides the objective dimension, connected to economic factors, it also has a subjective dimension that marks and constitutes the subjects manners and relations, adding sense and meaning. A specific cut in Brazil's population was made to investigate the phenomenon, youths. The youth is a multiple and plural social category and Young people are active social beings that appropriate and interpret the contexts in wich they are inserted. The present study is a qualitative research that consists in analyzing the transcriptions of the material produced during the making of the documentary "Diz Juventudes", made as an outreach of the Federal University of Ceara - Sobral psychology course. Given what was heard in the youth speeches during the interviews, the results were organized and discussed in five categories that describe how this public understands and lives the social inequality phenomenon. The categories emerged from the analysis of the material and were not previously decided. In Sobral, social inequality is understood by the youth through multiple aspects: infrastructure, segregation in public places and access to different goods and services. The study was an opportunity to these people to show who they are, beyond labels and stigmas, giving new meaning to these spaces and trying to understand their history and perception.

**Keywords:** Youth. Social inequality. Psychology. Subjectivity.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	14
<b>2.1 Juventudes: Conceitos e Referência</b> .....	14
<b>2.2 Configurações da Desigualdade Social no Brasil</b> .....	17
<b>2.3 Definindo e conceituando subjetividade</b> .....	20
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	23
<b>3.1 Caracterizações do projeto</b> .....	23
<b>3.2 Construção dos dados</b> .....	24
<b>3.3 Participantes</b> .....	25
<b>3.4 Ferramentas de análise</b> .....	25
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	27
<b>4.1 Desigualdade Social: aspectos subjetivos da disparidade econômica</b> .....	27
<b>4.2 Juventudes periféricas, desigualdade e cidadania</b> .....	30
<b>4.3 Juventudes, periferia e o acesso desigual à cidade: margens de Sobral</b> .....	34
<b>4.4 Preconceitos e estigmas como marcadores subjetivos de desigualdade</b> .....	36
<b>4.5 Juventude e resistência: o sonho de uma cidade igual</b> .....	38
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	43

## 1 INTRODUÇÃO

Penso ser de grande importância descrever o meu percurso até chegar essa tessitura. Investigar a percepção e a experiência dos jovens acerca das dimensões subjetivas da desigualdade social é reconstruir a partir da minha própria experiência junto a esse público, histórias vividas e contadas. O interesse por esse tema surge de uma aproximação pessoal com a temática juventude e suas diversas nuances. O trabalho com os jovens nasceu e foi se construindo a partir da minha trajetória acadêmica pessoal, no curso de Psicologia e na Extensão da qual fui membro.

O Plano Nacional de Extensão (2012) coloca que “A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade”. A extensão se constitui como um dos pilares fundamentais da formação universitária, e seu papel é reafirmar o caráter social da Universidade:

O fortalecimento da relação universidade/sociedade prioriza a superação das condições de desigualdades e exclusão existentes. Através de projetos sociais, a universidade socializa seu conhecimento e disponibiliza seus serviços, exercendo sua responsabilidade social, ou mesmo sua missão: o compromisso com a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos (NUNES & SILVA, 2011, p. 121).

Minha experiência na extensão se iniciou no ano de 2016, quando passei a integrar o projeto “Dis(cursos) da Juventude do Norte do Ceará: trajetões e trajetórias em movimento”, coordenado pela professora Nara Maria Forte Diogo Rocha. Seu objetivo era facilitar uma aproximação entre o curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará e os jovens na região norte do Estado do Ceará, bem como com os profissionais ligados à área. Este projeto compunha um dos núcleos de atividades do Laboratório de Práticas e Pesquisas em Psicologia e Educação (LAPPSIE).

Foi uma caminhada intensa junto aos meus colegas de extensão: ouvi jovens de diferentes segmentos, de diferentes lugares da cidade de Sobral, jovens múltiplos e plurais, que foram os verdadeiros autores das narrativas que aqui serão trabalhadas, nos fazendo sentir e pensar essas juventudes.

No meu percurso acadêmico a extensão se fez como espaço de diálogo entre a academia e a comunidade. Foi através da experiência de escuta das falas dos jovens moradores da periferia, que percebi que os mesmos traziam em seus

discursos, muitas vezes ignorados, a denúncia da desvalorização e das desigualdades que enfrentam diariamente. Diante disso, nasceu em mim o interesse por entender como estes jovens vivenciam, compreendem e problematizam a desigualdade social em seus aspectos subjetivos.

O trabalho tem como objetivo discutir a visão e a percepção dos jovens, moradores de bairros periféricos da cidade de Sobral - Ceará, acerca da desigualdade social, assim como o significado de tal fenômeno para esse público, como isso se apresenta em seus cotidianos e como os afeta, tendo como referência as experiências vividas, os diálogos estabelecidos e as falas ouvidas de 14 jovens durante a gravação do documentário “Diz juventudes”, em 2017. Essa ação visava, através do documentário, dar visibilidade às juventudes periféricas, seus modos de vida e sonhos, justificando-se pelo momento histórico e social de imensos retrocessos no campo das políticas para a juventude negra, pobre e periférica.

Na sociedade de consumo em que vivemos hoje emergem concepções de juventudes idealizadas, os jovens que ocupam espaços subalternizados não são considerados, tampouco ouvidos. Segundo Souza e Paiva (2012), a principal preocupação das políticas públicas tem sido combater a violência por meio da segurança pública, assim os jovens das periferias não acessam outras ações que abarquem as singularidades de suas realidades.

Segundo o Ministério da Justiça (2010), a relação entre juventude e segurança pública é estabelecida baseada na descrença e no preconceito, na qual os agentes policiais acabam por reproduzir preconceitos, não enxergam os jovens como pessoas e cidadãos de direitos e sim como riscos em potencial, um possível perturbador da ordem pública. “O jovem é ainda mais estigmatizado se for morador de uma comunidade com altos índices de criminalidade. Apesar de poucos moradores se envolverem com as atividades ilícitas, esse quadro reforça o estigma social, inclusive para os policiais” (BRASIL, 2010, p. 09). O estigma do jovem criminoso está vinculado à imagem do jovem negro, com boné, correntes, roupas largas e morador de periferia.

As iniciativas da sociedade civil estão em grande parte, de acordo com os mesmos autores, voltadas para profissionalização desses jovens, concentradas quase que exclusivamente nas periferias, como se esses lugares só fossem vistos a partir dessas demandas. Souza e Paiva (2012) nos remetem, a partir desse quadro, à

seguinte reflexão: será essa a única forma, ou a forma mais eficaz de intervenção para identificar e trabalhar as demandas desses jovens moradores de periferias?

Em meio a contextos marcados pela desigualdade social que afetam diretamente a construção da identidade, que ditam e organizam os modos de ser desses jovens, é que se faz relevante o desenvolvimento de estudos como o aqui apresentado.

Busquei um olhar desviante para esse fenômeno da desigualdade, no sentido de enxergar além daquilo que já está exposto, que já está determinado, e estabelecido, olhar para aquilo que não é olhado, que é tratado como despercebido. Um olhar que busque entender e mapear quais os significados e os impactos da desigualdade sobre esses sujeitos, em seus múltiplos aspectos, especialmente no que tange às dimensões subjetivas.

A ideia de se estudar a dimensão subjetiva da desigualdade social baseia-se no entendimento de que esse fenômeno se constitui não só por uma dimensão objetiva, ligada à distribuição desigual de renda, de questões monetárias e econômicas, que estão nas bases das relações capitalistas, mas por uma dimensão subjetiva, que marca e constitui os modos e relações dos sujeitos, conferindo-lhes sentidos e significados.

Dada importância de se trabalhar a dimensão subjetiva da desigualdade, é necessário demarcar o que está se chamando de subjetividade. Adotaremos uma postura subversiva ao que costumeiramente tem sido descrito como subjetividade, constantemente sendo ligada a um aspecto individual, de experiências pessoais.

Trabalharei com os conceitos de subjetividade, que nas palavras de Santos *et al* (2013, p. 709), "(...) redimensionam a importância dos aspectos sociais e coletivos para constituição dos sujeitos, aspectos esses que são construídos a partir da realidade social e expressos através dos significados, emoções, ideias, discursos, etc".

Entende-se que a desigualdade social no Brasil é um fenômeno complexo. Investigar esta temática pressupõe atentar-se para como os sujeitos, neste caso, os jovens, significam as relações características desse fenômeno. Bock (2016) aponta que a psicologia, em seu percurso, acabou esquecendo o papel da desigualdade social na constituição da subjetividade, deixando-a de lado nas explicações psicológicas, que se voltaram em sua epistemologia para o âmbito "interno" dos indivíduos, negligenciando os contextos e as experiências de onde estavam inseridos.

Essa postura assumida pela psicologia contribuiu para naturalizar alguns aspectos da desigualdade.

Existem inúmeras perspectivas e visões que tentam definir a categoria juventude. Diante disso, escolhi trabalhar com uma perspectiva que considera a juventude como construção e representação social, por entender que não se trata de um fenômeno natural e singular, mas de juventudes múltiplas e plurais (DAYRELL, 2003; RAITZ E PETTERS, 2008).

Compreender as realidades, as mazelas, os desafios diários das desigualdades que chegam e como chegam é essencial para a construção de projetos que abarquem as demandas reais desse público. Entretanto, trabalhar aspectos como esses requerem o cuidado de não acabar reduzindo e produzindo mais uma vez aspectos naturalizados. Por isso, o estudo irá buscar dialogar com as visões já criadas por esses jovens acerca do fenômeno da desigualdade. Nesse sentido busca-se entender: Como os jovens moradores de periferias compreendem o que é desigualdade social? Como tal fenômeno se apresenta na realidade desses sujeitos? Como essa população significa e enfrenta tal problemática? O que podemos aprender em psicologia sobre a desigualdade, a partir dos relatos desses jovens?

Pensar, construir e vivenciar esse trabalho é de fundamental relevância para minha formação enquanto psicóloga e para a própria psicologia enquanto ciência, pois nos faz olhar e entender que os indivíduos são perpassados por seus contextos e condições sociais e que fenômenos como o da desigualdade são constituintes daquilo que tomamos enquanto objeto do nosso fazer, os sujeitos e suas subjetividades.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O presente estudo buscou fundamentar as questões voltadas para a juventude, subjetividade e desigualdade social, utilizando-se de abordagens que entendam tais fenômenos como construções sociais e culturais.

Para isso, foram elencadas três categorias teóricas. A primeira, *Juventudes: Conceitos e Referências*, apresenta um breve levantamento das concepções e definições acerca da temática juventude, ressaltando a ideia de juventudes múltiplas e plurais e dos jovens enquanto sujeitos sociais. A segunda categoria, *Configurações da Desigualdade Social no Brasil*, versa sobre como esse fenômeno tem se apresentado no país e como tal temática tem sido entendida e discutida por alguns autores. Já a última categoria, *Definindo e Conceituando Subjetividade*, discorre sobre como esta temática tem sido trabalhada e abordada pela psicologia.

### **2.1 Juventudes: Conceitos e Referência**

A juventude vem se mostrando como um campo frutífero de estudos e produções, que objetivam descrever e explicar esse fenômeno. As produções acerca das temáticas juvenis têm se firmado e ganhado espaço nos diferentes campos de conhecimento, tornando-se objeto de estudo da educação, das ciências sociais, do serviço social e da própria psicologia. Segundo Trancoso (2012), no campo das ciências psicológicas, as discussões acerca da juventude estão voltadas para as diversas experiências que marcam a trajetórias juvenis.

De acordo com Léon (2005), no país, diversos autores passam a se dedicar a esse campo, construindo assim, diversas visões a respeito dessa categoria, vinculadas a diferentes perspectivas políticas, que acabam por fomentar e nortear ações no campo das políticas públicas. O novo panorama no campo de estudos das juventudes tem gerado uma multiplicidade de abordagens que produzem concepções diferentes acerca do próprio objeto de estudo, florescendo diversas imagens a respeito dos jovens, que ora são complementares e outrora se constituem como concepções distintas.

Durante um longo período de tempo, a concepção que vigorou foi a da juventude enquanto uma fase biológica. Essas definições biologizantes do ciclo vital,

que foram disseminadas na sociedade ocidental moderna, reduz a juventude a uma fase que se inicia com as mudanças físicas da puberdade, ligadas ao aparecimento dos caracteres sexuais, à maturação fisiológica ligada à reprodução, acompanhados do amadurecimento intelectual e emocional e que se encerra com a entrada na vida adulta (LEÓN, 2005).

As definições ligadas a fases biológicas e concepções lineares de desenvolvimento vem revelar outro modo de se abordar a temática, que está ancorado em uma noção que considera a juventude como uma fase de transição, ou seja, o período que abarca tanto as características do estágio anterior do desenvolvimento, a infância, quanto características da fase posterior, a idade adulta. Tal abordagem não se atenta às características próprias da condição juvenil. Nessa perspectiva, o jovem é entendido como um “vir a ser”, como aponta Dayrell (2003):

Por outro lado, nos deparamos no cotidiano com uma série de imagens a respeito da juventude que interferem na nossa maneira de compreender os jovens. Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente (p. 40).

Outros estudos, segundo Dayrell (2003), trazem a juventude ligada a concepções distintas de negatividade e positividade. Um ponto de vista negativo da juventude está relacionado a essa noção de transição apresentada acima, de que o jovem ainda não chegou a ser. Segundo esse autor, essa concepção está muito presente nas instituições de ensino, onde as expectativas construídas acerca de projetos futuros, como o diploma, a vida universitária, a entrada no mercado de trabalho, acabam por negar as experiências presentes vividas pelos jovens, essenciais na sua formação, em função de expectativas futuras (DAYRELL, 2003).

Outra perspectiva, que Dayrell (2003) aponta, é a visão romantizada da juventude, em que essa é apresentada como a fase da liberdade, da expressão, da força, dos desejos e dos prazeres. Encarada como o memento das descobertas, onde se pode errar e corrigir. Todo esse romance em torno do universo juvenil começa a ser produzido concomitantemente com uma indústria mercadológica e de consumo voltada para esse público.

Convivendo com essas imagens dicotômicas, está a visão da juventude como um momento de crise, uma fase marcada por conflitos, seja pessoal, como os conflitos de identidade e de personalidade, ou os conflitos institucionais, como a família e as instituições sociais. Dessa concepção é que surgem as ideias de

juventude ligadas à rebeldia. Essas noções contribuem para a expectativa criada em torno dos jovens como “uma fonte importante de mudanças e transformações sociais” (ABRAMO, 2005, p. 26).

Essas múltiplas imagens acerca da juventude, são modelos sociais, construídos em diferentes momentos históricos, que trazem muitas vezes uma visão universal e simplificada da categoria, que é percebida e retratada de uma maneira hegemônica, abarcando apenas uma juventude específica e singular. Esse tipo de visão nos impede de “apreender os modos pelos quais os jovens, principalmente os de camadas populares, constroem suas experiências” (DAYRELL, 2003, p. 41), fazendo com que essas experiências sejam negligenciadas.

Sabendo dessas diferentes significações e se preocupando com o reducionismo que tais visões podem gerar, escolhi trabalhar a juventude como uma construção e uma representação social, por entender que não se trata de um fenômeno natural e singular, mas de juventudes múltiplas e plurais. Assim, questionar a universalidade dessa categoria é reconhecer e dar a devida importância à sua historicidade. Portanto, escolhi olhar para os jovens como sujeitos sociais, que constroem e se constroem nos diferentes modos de ser jovem.

Construir uma noção de juventude que abarque a diversidade dessa categoria enquanto uma construção social e um tipo de representação não é uma tarefa fácil. Significa adotar uma postura pouco comum nos estudos do desenvolvimento, que abandona a visão de uma evolução linear e assume uma compreensão de juventude como parte de um processo amplo de constituição dos sujeitos, marcado por especificidades presentes no meio e nas trocas sociais, que marcam a história de cada um.

Partindo dessa noção de juventude plural e considerando os múltiplos modos e experiências de ser jovem, considerei importante utilizar nesse trabalho uma categoria trazida por Dayrell (2003) que versa sobre o jovem enquanto sujeito social. Seres singulares e sociais, que se apropriam e interpretam os contextos que estão inseridos, lhes dando sentido, assim como, dão sentidos aos lugares que ocupam. Sujeitos esses, que se constituem biológico, social e culturalmente nas relações com os outros.

Dessa discussão, entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não

se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona (DAYRREL, 2003, p. 42).

Tomar esses jovens enquanto sujeitos sociais significa considerar que cada um, ao nascer, foi inserido em contextos com histórias prévias, que interferem no modo como cada um se constituirá enquanto sujeito. Marcadores como gênero, raça, condições econômicas, contextos em que vivem e a própria desigualdade social, categoria abordada nesse trabalho, interferirão nos seus modos de constituição.

## **2.2 Configurações da Desigualdade Social no Brasil**

Ao se falar de desigualdade social é importante ressaltar os paradigmas e as diferentes perspectivas que esta temática aborda e como esse fenômeno se constitui no país. Em geral a desigualdade é evidenciada por dimensões econômicas objetivas, pelas disparidades na distribuição de renda, entretanto, este fenômeno também inclui aspectos existenciais como as relações sociais e políticas estabelecidas pelos sujeitos. Segundo Santos *et al* (2013, p. 702), “O histórico acesso diferenciado a recursos, tanto de ordem material como simbólica, caracteriza o contexto no qual as pessoas se desenvolvem e constroem suas subjetividades”.

No Brasil, a desigualdade se apresenta historicamente como um problema social, como uma característica que transcende os modos e organização de vida da população. Manifesta-se de diferentes maneiras, seja na desigualdade de oportunidades, de renda, de mercado de trabalho e até mesmo nos níveis simbólicos, no caso da sensação de pertencimento ao local em que reside, na relação com a cidade e na participação social.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE (2017), de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios – PNAD, em 2017, os 10% da população com os maiores rendimentos detinham 43,3% da massa de rendimentos do país, enquanto a parcela dos 10% com os menores rendimentos detinha 0,7% desta massa. Quanto ao índice de Gini, coeficiente que mede a concentração de renda e a desigualdade da população, onde seu valor varia de zero (igualdade) até um (desigualdade máxima), em 2017 o rendimento médio mensal real domiciliar per capita no Brasil foi 0,549 (IBGE, 2017).

Neri (2011) salienta que a desigualdade social no Brasil, para além dos índices numéricos, se constitui em níveis e distâncias desiguais entre as pessoas. A

autora divide a desigualdade em vertical, que é entendida a partir ponto de vista referido à totalidade da população, e horizontal, que diz respeito a segmentos específicos dessa população, a partir de gênero, escolaridade e etnia.

Jessé de Souza, importante sociólogo que se dedicou a estudar o tema da desigualdade social no Brasil, aponta que há no país muitos mecanismos que mantêm a desigualdade social e que tal fenômeno é permeado por processos que acabam o naturalizando. O autor discorda com as teorias que explicam a desigualdade social no país a partir de noções personalistas e patrimonialistas.

Apesar das disparidades e mazelas que a desigualdade social traz para sujeitos de nossa sociedade, há autores, como Gilberto Freyre, que tomam essas diferenças como algo singular do nosso país e da nossa cultura, como fator que nos diferenciaria de outras nações e nos torna singular. Jessé de Souza (2004) critica ideias como essas, pois, para o autor, tais concepções foram incorporadas no imaginário social, dificultando a aceitação de teorias que tentem problematizar tal visão.

Souza (2004) trabalha a desigualdade social no país, sua naturalização e a conseqüente produção de “subcidadãos” a partir da tese que compreende esse fenômeno como uma produção moderna, característica de países periféricos como o Brasil:

A tese que pretendo desenvolver nesse texto parte de uma outra perspectiva. Pretendo demonstrar como a naturalização da desigualdade social e a conseqüente produção de “subcidadãos” como um fenômeno de massa em países periféricos de modernização recente como o Brasil, pode ser mais adequadamente percebida como conseqüência, não de uma suposta herança pré-moderna e personalista, mas precisamente do fato contrário, ou seja, como resultante de um efetivo processo de modernização de grandes proporções que se implanta paulatinamente no país a partir de inícios do século XIX (SOUZA, 2004, p. 80).

Segundo o mesmo autor, por se tratar de um fenômeno moderno, a desigualdade se torna muitas vezes imperceptível na vida cotidiana das pessoas. É naturalizada por estar vinculada à impessoalidade típica dos valores das instituições modernas, o que a torna pouco acessível à consciência, permanecendo invisível. Assim, “a existência de pessoas pobres e miseráveis é obscurecida por um arsenal de justificativas que normalizam as condições precárias de existência, por exemplo, as ideias de meritocracia e de trajetórias pessoais fracassadas”. (SANTOS, 2013, p. 704).

Souza (2003) traz a noção de subcidadania, que corresponde a um fenômeno de massas, característico de sociedades periféricas como a brasileira, sendo marca dos conflitos de classe do capitalismo. A subcidadania pode ser compreendida como uma hierarquia valorativa entre as pessoas, que ocorre de forma invisível e classifica os sujeitos em cidadãos e não cidadãos, definindo o acesso dessas pessoas a recursos materiais e simbólicos.

Como forma de fundamentar sua teoria sobre a construção e a naturalização dos subcidadãos na modernidade periférica, Jessé de Souza (2004), recorre às concepções de Charles Taylor (1989) acerca das fontes do self moderno e a ideia de habitus de Pierre Bourdieu (1984).

Em sua obra Taylor discute o desenvolvimento dos valores morais, como a dignidade, que são fundamentais para o desenvolvimento das instituições centrais do capitalismo e para a reprodução das relações sociais. “Ele consegue reconstruir a hierarquia valorativa que se materializa nas duas instituições centrais do mundo moderno, mercado e Estado” (SOUZA, 2004, p. 82).

Entretanto, essas concepções não conseguem dar conta de outras dinâmicas centrais do capitalismo, como a reprodução das relações sociais, por isso Souza (2004) incorpora em sua teoria a ideia de habitus de Bourdieu, que expressa “todo o conjunto de disposições culturais e institucionais que se inscrevem no corpo e que se expressam na linguagem corporal de cada indivíduo, transformando, por assim dizer, as escolhas valorativas culturais e institucionais em carne e osso” (SOUZA, 2004, p. 85). O habitus pode ser entendido como fios invisíveis que ligam as pessoas por solidariedade e interesses de classes e que excluí através do preconceito.

Apesar do conceito de habitus de Bourdieu ser essencial na teoria de Jessé de Sousa, o autor amplia esse conceito, por entender que a noção de habitus primário não dá conta de explicar os fenômenos que envolvem a desigualdade em sociedades periféricas como o Brasil. Por isso, o autor ampliou o conceito de habitus, trazendo a noção de habitus precário e habitus secundário. Souza (2004), define habitus primário como sendo:

(...) o limite do habitus primário para baixo, ou seja, aquele tipo de personalidade e de disposições de comportamento que não atendem às demandas objetivas para que, seja um indivíduo, seja um grupo social, possa ser considerado produtivo e útil em uma sociedade de tipo moderno e competitivo, podendo gozar de reconhecimento social, com todas as suas dramáticas consequências existenciais e políticas (p. 167).

Para Souza (2004), o contrário disso, seria o *habitus* secundário, que seria a fonte de reconhecimento e respeito social. Para o autor, o *habitus* secundário “já parte da homogeneização dos princípios operantes na determinação do *habitus* primário e institui, por sua vez, critérios classificatórios de distinção social a partir do que Bourdieu chama de gosto” (SOUZA, 2004, p. 88).

Para entender a materialização do desenvolvimento das desigualdades e sua reprodução pelos sujeitos, Souza (2004) recorre à ideia de Ideologia do desempenho formulada por Reinhard Kreckel (1992). Essa noção entende que a tríade qualificação, posição e salário legitima o acesso desigual a modos de vidas, bens e serviços. Com base nisso, Jessé entende que é através da categoria trabalho que os sujeitos atingem o reconhecimento social e constroem suas identidades. É a partir dessa categoria, também, que se pode entender os processos de marginalização e a construção de subcidadãos:

Nesse caso, sua condição de subcidadanização é afirmada de forma objetiva pelo sistema social, reconhecida a partir de diferentes práticas sociais pelos incluídos na lógica produtiva dominante e reforçada pelo processo de culpabilização subjetiva incorporado pelos dominados. Temos assim um sistema de reprodução da desigualdade que se alimenta de valores morais fortes absolutamente diferenciados dos referentes construídos historicamente nos países centrais (SOUZA, 2004, p. 88).

Diante das ideias expostas, podemos entender que a desigualdade social é um fenômeno historicamente e socialmente construído. Em países periféricos como o Brasil, trata-se de um produto da modernidade que se consolida através das concepções capitalistas ditadas pelo Estado e pelo mercado, que classificam e estratificam os sujeitos em classes sociais distintas, definindo até mesmo quem é ou não cidadão.

### **2.3 Definindo e conceituando subjetividade**

A psicologia, desde a sua formação até sua consolidação enquanto ciência e profissão, adotou como seu objeto de estudo os sujeitos e suas subjetividades. Wundt, ao discorrer sobre a experiência imediata, aponta que “a psicologia tem como objeto os aspectos subjetivos da experiência” (LEONARDI, 2011, p. 04). Assim, várias definições tentam descrever o que se chama de subjetividade, estando constantemente ligadas a aspectos individuais e experiências pessoais.

Apesar de a subjetividade estar constantemente ligada a esses aspectos, adotamos para o desenvolvimento deste trabalho a noção de subjetividade construída pelo psicólogo González Rey, que pode ser entendida como:

Um complexo e plurideterminado sistema, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que a constituem dentro do contínuo movimento das complexas redes de relações que caracterizam o desenvolvimento humano (GONZALEZ REY, 2003, p. 09).

A partir do que foi apontado, pode-se entender que a subjetividade se constitui a partir das formas singulares de interação dos indivíduos com o mundo e da complexidade dessas relações, que marcam todo o desenvolvimento dos sujeitos, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo.

A ideia de subjetividade de González Rey (2005) é desenvolvida com enfoque histórico-cultural, compreendida como algo que vai além de uma dimensão intrapsíquica. Com esse enfoque, o autor pretende eliminar a dicotomia existente nas ciências psicológicas em que a subjetividade é entendida como um fenômeno individual, passando a considerá-la como um processo dialético entre o individual e o social.

Nesse entendimento, González Rey (2003) apresenta a noção de subjetividade social, em que “os processos sociais deixam de ser vistos como externos em relação aos indivíduos e passam a ser vistos como processos implicados dentro de um sistema complexo, a subjetividade social, da qual o indivíduo é constituído e constituinte” (SILAVA & CAPPELLE, 2013, p. 04). Portanto, pode-se entender que:

A relação complexa e dinâmica entre o social e o individual é uma das marcas que a distinguem de outras teorias que abordam a subjetividade. A subjetividade social existe em inter-relação com a subjetividade individual, sem que a primeira represente a soma da segunda, permitindo compreender a dimensão subjetiva – sentidos subjetivos e configurações subjetivas – dos processos e instituições sociais, nos diferentes contextos e momentos históricos em que se organiza, desentranhando os processos geradores das configurações subjetivas dos grupos sociais e o modo como estes se presentificam nos processos individuais (ROSSATO & MARTÍNEZ, 2013, p. 290).

Em sua obra, Rey (2003) discorre sobre o conceito de sentido subjetivo, que para o autor consistiria na relação entre a representação simbólica e a emoção, constituídas na história dos sujeitos e nas produções subjetivas sociais. Para ele o sentido subjetivo é, “a unidade inseparável dos processos simbólicos e as emoções

num mesmo sistema, no qual a presença de um desses elementos evoca o outro, sem que seja absorvido pelo outro” (REY, 2003, p. 127).

Diante dessas noções, podemos entender que a subjetividade é uma construção histórico-cultural, que se desenvolve a partir de aspectos individuais dos sujeitos e elementos sociais dos contextos em que estão inseridos, de modo indissociável. Essas relações constituem e são constituídas pelos sujeitos, a partir dos sentidos subjetivos que constroem.

### **3 METODOLOGIA**

Este trabalho é um estudo qualitativo, que consiste em uma análise do material transcrito a partir da produção do documentário “Diz Juventudes”, realizado como atividade de extensão no curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - *Campus Sobral*.

A pesquisa Qualitativa para Minayo (2001) trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

É a partir das experiências vividas, dos efeitos deixados pelo trabalho de escuta dos jovens e pelo contato direto com a suas realidades e os contextos sociais em que estão inseridos, que a desigualdade social será abordada no presente trabalho, discutindo o olhar desses sujeitos sobre esse fenômeno.

#### **3.1 Caracterizações do projeto**

Dis(cursos) da juventude do Norte do Ceará: Trajetos e trajetórias em movimento, ou “DIZ Juventudes” é um projeto de extensão vinculado ao Laboratório de Práticas e Pesquisas em psicologia e Educação (LAPPSIE), coordenado pela professora Dra. Nara Maria Forte Diogo Rocha. Surgido em 2016 de uma proposta de articulação e mobilização com o VII Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira – JUBRA. O projeto de extensão buscou a aproximação do curso de psicologia da Universidade Federal do Ceará com os jovens de Sobral e da Região Norte do estado. Visou, através do diálogo, facilitar e colaborar para a reflexão individual e coletiva, junto com esses jovens, a respeito dos seus movimentos, organizações e instituições, bem como refletir sobre esse momento da vida. O projeto visou ainda uma aproximação e articulação com os profissionais e dispositivos ligados a essa área, ampliando os interesses, as discussões e a produção de conhecimento acerca da temática juventude. Trata-se de um projeto interdisciplinar, que teve como bases teóricas os pressupostos da psicologia Histórico-Cultural de Vigotski. Esse projeto de extensão se justifica pela importância e necessidade de se criar um local amplo de compreensão do que é ser e se fazer jovem nesse lugar, bem como, compreender o que se diz da juventude nesses espaços, e assim, articular e reconstruir as práticas de psicologia nesses contextos.

Uma das atividades desenvolvidas pelo projeto foi a construção do documentário “DIZ Juventudes” que objetivava ouvir jovens moradores da cidade de Sobral sobre seus projetos, sonhos e realidades. Convidamos jovens que, estando engajados em processos políticos e nas lutas cotidianas por uma vida melhor, insistem em não somente resistir, mas sonhar e enfrentar duras realidades armados de afetos alegres e da valorização das diferenças que os constituem.

### **3.2 Construção dos dados**

O corpus a qual se dedica essa pesquisa foi formado a partir da produção do documentário “Diz Juventudes”, que se iniciou durante o primeiro semestre do ano de 2017. O projeto foi desenvolvido por seis estudantes, a coordenadora do projeto e o professor Pablo Pinheiro, do curso de psicologia da Universidade Federal do Ceará, *Campus* Sobral. Todos os alunos eram extensionistas do projeto “Dis(cursos) da Juventude da região norte do Ceará: trajetos e trajetórias - Diz Juventudes”.

Foi utilizado como ferramenta de coleta de dados entrevistas semiestruturadas, que ocorreram de forma individual e coletiva. Nelas os jovens eram instigados a falar sobre o que é ser jovem, o que é ser jovem em Sobral e quais seus sonhos e objetivos.

As entrevistas foram gravadas, mediante autorização dos participantes, com assinatura do termo de autorização de uso de imagem. Foram utilizados como instrumentos de gravação equipamentos de captura de som e imagem cedidos pelo Laboratório das Memórias e das Práticas cotidianas (LABOME) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA), projeto ligado ao curso de Ciências Sociais, cujo objetivo é produzir e manter um acervo de arquivos orais e visuais resultantes de pesquisas em campo.

Além do material editado que foi utilizado no documentário, todas as entrevistas coletadas foram transcritas e serão essas transcrições o corpus do presente trabalho.

O documentário foi disponibilizado na plataforma de compartilhamentos de vídeos Youtube, mediante autorização assinada pelos participantes, podendo ser acessado pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=lcbDJCVVT5E>.

### 3.3 Participantes

Participaram do trabalho 14 jovens, com idades entre 16 e 29 anos. A maioria desses são estudantes e/ou militantes de movimentos sociais, moradores de diferentes bairros da cidade de Sobral. Destes entrevistados a maioria eram moradores de bairros periféricos da cidade, sendo estes, Terrenos Novos, Nova Caiçara, Dom Expedito e Sumaré.

Os participantes foram convidados antecipadamente pelos estudantes da extensão e comunicados sobre os objetivos e conteúdos a serem trabalhados ao longo das entrevistas.

### 3.4 Ferramentas de análise

Como ferramenta de análise das falas ouvidas durante a experiência da gravação do documentário foi utilizada a metodologia de análise de conteúdo. A análise de conteúdo é descrita por Bardin (1977, p. 42), da seguinte maneira:

[...] atualmente, e de um modo geral, designa-se sob o termo de análise de conteúdo: Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Segundo Moraes (1999), o que será explorado na análise de conteúdo poderá ser qualquer material proveniente de comunicação verbal ou não-verbal, entre elas gravações, entrevistas, vídeos, que chegam ao pesquisador em estudo bruto, para “então ser processados para, dessa maneira, facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência a que aspira a análise de conteúdo” (p. 08).

O estudo buscou, assim como colocado anteriormente lapidar e analisar os conteúdos brutos obtidos mediante as entrevistas, identificando como os jovens

percebem, vivenciam e descrevem o fenômeno da desigualdade social. Os resultados aqui obtidos foram divididos em categorias de análises.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do que foi ouvido nas falas dos jovens durante as entrevistas do documentário, organizou-se os resultados e discussões em cinco categorias, que descrevem como esse público percebe e vivencia o fenômeno da desigualdade. São elas: 1) Desigualdade Social: aspectos subjetivos da disparidade econômica; 2) Juventude periférica, desigualdade e cidadania; 3) Juventude, periferia e o acesso desigual à cidade: margens de Sobral; 4) Preconceitos e estigmas como marcadores subjetivos de desigualdade; 5) Juventude e resistência: o sonho de uma cidade igualitária. Tais categorias emergiram a partir da análise do material, não estando

### 4.1 Desigualdade Social: aspectos subjetivos da disparidade econômica

Assim como apontam os estudos, a Desigualdade Social no Brasil está presente em diversas dimensões, política, econômica, social, racial, regional e cultural. Os recortes das experiências aqui detalhadas dizem respeito a como a disparidade econômica vivenciada pelos jovens reflete em suas relações e em seus modos de vida.

Percebi através das falas dos jovens que a desigualdade social para maioria deles se caracteriza e se apresenta por um viés econômico, que diz respeito à disparidade na renda e no poder monetário, que dividem as pessoas entre “pobres e ricos”:

Por que, assim como o colega já disse, há uma desigualdade aqui na cidade, uns ganham muito, moram em bairros bons, e a gente aqui da comunidade ganha pouco, só dá mesmo pra ir se virando, eu acho assim, que existe duas Sobral as dos ricos que ganham bem, e das pobres igual nós que só ganha para sobreviver (F. C., 23 anos, Desempregado).

A desigualdade socioeconômica no Brasil acompanhou o seu desenvolvimento, se moldando e se caracterizando de acordo com o contexto histórico. Apesar de algumas melhorias, principalmente no que tange à extrema pobreza, o Brasil ainda apresenta um dos maiores índices de desigualdades sociais, onde a maior renda está concentrada nas mãos de uma pequena minoria. Pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam que 10% da população com rendas mais elevadas concentra 41% do rendimento do trabalho,

enquanto 10% com os rendimentos mais baixos concentra apenas 1,4% do total da remuneração. (IBGE, 2012, p. 71).

Esses índices nos mostram que a desigualdade no país é algo quantificável e se expressa na diferença dos números em relação à renda dos brasileiros. Isso justifica o fato de os jovens Sobralenses compreenderem e descreverem a desigualdade a partir de um viés econômico, já que a disparidade financeira é algo real que se apresenta em seu cotidiano, assim como no restante do país, sendo essa a forma mais concreta e objetiva da desigualdade presente em suas realidades.

Entretanto, para além de uma questão financeira, a disparidade econômica congrega valores e significados subjetivos. Para Arretche (2018), há uma distinção entre desigualdade monetária da desigualdade não monetária. Segundo a autora, “A primeira se refere à renda dos indivíduos, ao passo que a segunda se refere às dimensões que vão além da renda, tais como acesso a serviços, condições de vida e capacidades” (p. 04).

Isso é retratado na fala a seguir, onde um dos jovens entrevistados expressa sua relação com a cidade de Sobral baseando-se no acesso aos serviços e bens que a cidade oferece e que se mostram para ele como algo desigual:

Os jovens daqui do Caiçara não gostam muito do centro, porque a gente não tem muito dinheiro para ficar indo lá, e nem pra comprar as coisas que tem lá. Mas eu gosto muito do centro da cidade, de andar, mesmo que eu vá pra lá e não tenha dinheiro para comprar nada, mas eu gosto de estar vendo as novidades para depois quando eu tiver o dinheiro eu voltar lá e saber onde já tem pra mim não ficar rodando. Apesar de não poder comprar as coisas de lá, porque tem loja que só pros ricos, mas eu gosto eu fico pensando que um dia talvez eu possa comprar algo dessas lojas (I., 20 anos, Estudante).

Como expressei na fala acima a diferença econômica e de acesso a bens e serviços entre os diferentes segmentos sociais é tão marcante na realidade desses jovens que acaba por ser tratada como algo natural, ao ponto da cidade se mostrar para eles dividida entre os que ganham bem e os que ganham apenas o suficiente para sobreviver, os que podem e os que não podem comprar nas lojas do centro, tais fatores são expressos como papéis estabelecidos e naturais.

Para Souza (2004), a desigualdade em países periféricos como o Brasil, se apresenta a partir de signos sociais, que é explicada nas palavras do autor como:

A dimensão aqui é objetiva, subliminar, implícita e não transparente. Ademais, ela não precisa ser mediada pela linguagem nem simbolicamente articulada; implica, como a ideia de habitus em Bourdieu, toda uma visão de mundo e uma hierarquia moral que se sedimentam e se mostram como signo

social de forma imperceptível a partir de signos sociais aparentemente sem importância [...] (Souza, 2004, p. 92).

Para o autor são através dos signos sociais que estão incorporados no imaginário das pessoas que se legitima a desigualdade social no país. Os sujeitos entendem a existência das diferenças sociais, como o acesso desigual a direitos ou a bens, como algo natural, o que os fazem se manter em uma posição de inferioridade, de subcidadão.

A desigualdade socioeconômica retratada pelos jovens de Sobral perpassa outras dimensões, que implicam diretamente no modo de organização da vida dos entrevistados, de suas famílias e reflete na própria compreensão do que é ser jovem para eles, como é evidenciado na fala de um dos jovens entrevistados:

Minha mãe ficou um bom tempo desempregada de novo, minha irmã teve que trabalhar bem cedo, ela ficou grávida com 13 anos então foi mais uma boca dentro de casa. Foi bem difícil, desde que eu percebi que seria nós por nós dentro da minha casa eu tive também que ir atrás de emprego. Com 15 anos eu tive que ir atrás de alguma coisa, tive que ir morar com a minha tia pra trabalhar com ela, depois voltei pra Fortaleza sozinho pra morar com outra tia. Então a juventude em si é isso né, é desde cedo começar a trabalhar sustentar a família, sustentar o vício de querer algo mais, não ficar naquela mesmice de escola-casa, porque isso às vezes dá a oportunidade da gente entrar em outra vida né, no mundo do crime, no mundo das drogas, então é isso (S., 17 anos, Estudante secundarista).

Percebe-se nesse discurso que a realidade econômica está presente nas diversas tramas de relações em que os sujeitos estão inseridos, determinam e desenham o cotidiano dos jovens, influenciando diretamente em seu desenvolvimento e reconhecimento pessoal, nas suas práticas e modos de se fazerem jovens e de compreenderem a juventude. No caso do entrevistado, a juventude é estar na busca por trabalho e na luta do sustento da família.

O discurso do jovem, onde as necessidades financeiras os levaram a entrar no mercado de trabalho cedo e estabelecer uma relação distante com a escola, reflete o que mostraram os estudos de Corrochano *et al.* (2008) e Corbucci *et al.* (2009):

Os jovens mais pobres ingressam mais cedo no mercado de trabalho, em condições geralmente precarizadas, e também abandonam os estudos mais cedo quando comparados aos jovens das camadas mais ricas. Esses dedicam-se exclusivamente ao estudo durante um período maior de anos, frequentemente acessando o ensino superior, e ocupam cargos de maior prestígio e maior qualificação no mercado de trabalho (CORROCHANO *et al.* 2008, p. 91).

Nesses discursos percebi e é importante que se note, que apesar de viverem realidades objetivas amplamente diferentes, nossas juventudes brasileiras têm se assemelhado nas questões que envolvem as desigualdades socioeconômicas e suas nuances subjetivas.

## **4.2 Juventudes periféricas, desigualdade e cidadania**

A cidadania é um fenômeno historicamente complexo e foi se definindo ao longo do tempo. Seu desenvolvimento teve início na Revolução Francesa como uma expressão do universalismo revolucionário que caracterizou esse movimento (CARVALHO, 2008, p. 8).

Segundo Oliveira-Junior *et al* (2014), “A cidadania é constituída de diversas dimensões e algumas podem estar presentes sem que as outras estejam” (p. 06). Para esse autor, pensar em cidadania é atentar-se e refletir acerca da igualdade social e cultural, de acordo como estas se apresentam nos diferentes contextos e lugares. A cidadania está atrelada aos direitos e deveres dos cidadãos, a igualdade dos sujeitos em suas múltiplas dimensões, incluindo a participação efetiva e integral na sociedade, no lugar e na comunidade (PEIRANO, 1986).

A partir da concepção de cidadania atrelada a participação social e atuação integral nos lugares, espaços e comunidade, os jovens entrevistados relatam em seus discursos a violação e desigualdade no que diz respeito à presença igual nos dispositivos sociais como nas escolas, trabalho, nos sistemas de saúde, e na divisão dos espaços urbanos.

Porque a gente sabe a diferença que é do meu bairro, Terrenos Novos, pro bairro Junco, que é avenida. A escolas daqui são diferentes, não há uma educação de qualidade, e assim nós temos menos oportunidade de conseguir um bom trabalho. Então a gente sabe essa diferença e a gente sofre com isso (S. S., 16 anos, Estudante).

Geralmente o Estado é o responsável por definir os direitos e deveres dos cidadãos. Marshall (1967) estabelece três dimensões da cidadania, sendo estas: civil, política e social.

A dimensão civil, segundo o mesmo autor, diz respeito aos direitos civis fundamentais, como o direito à vida, à liberdade, à igualdade perante todos os direitos que garantem as relações e à convivência em uma sociedade civil. A dimensão política da cidadania refere-se ao direito político, a participação do cidadão no governo da

cidade e sociedade na qual faz parte. Já a social está relacionada aos direitos que devem garantir igualdade no acesso a bens e serviços de uma sociedade, bem como a participação na riqueza coletiva de uma cidade.

Para Oliveira-Junior *et al* (2014), “Através dos direitos sociais as sociedades politicamente organizadas reduzem os excessos de desigualdades produzidos pelo capitalismo e passam a garantir um mínimo de bem-estar social para todos os cidadãos” (p. 07).

Compreendendo esse fenômeno a partir das dimensões acima citadas, busquei entender como os sujeitos da pesquisa as descrevem e vivenciam. Em relação à dimensão civil, no que tange a garantia de direitos fundamentais, percebemos que a maioria desses jovens vivenciam em seus cotidianos a violação de direitos básicos, como acesso igual a educação saúde, trabalho, o direito de ir vir, e até mesmo o direito à vida.

Muitos dos jovens entrevistados em suas falas denunciavam a desvalorização que os moradores de periferia sofrem em relação ao mercado de trabalho de Sobral. Relatam que ao buscarem emprego em instituições privadas da cidade não conseguem, pois as empresas não contratam jovens que moram em alguns bairros tidos como perigosos, como Nova Caiçara, Terrenos Novos, Vila União, fazendo com que os jovens tenham que se apresentar como moradores de outros bairros para concorrerem igualmente a uma vaga de emprego, como é relatado na fala desse jovem:

O pessoal aqui do Nova Caiçara tem a maior dificuldade de arrumar emprego, pois as empresas não quer contratar só porque o Nova Caiçara tem fama de ser perigoso e violento, e as pessoas de bem, que querem trabalhar é quem sofre. Muitos dos meninos aqui quando vão procurar emprego arruma um comprovante de endereço com algum conhecido do Centro, do junco, pra ver se consegue (C, 18 anos, estudante).

Em relação ao direito a educação, os jovens pontuam a desigualdade existente entre as instituições de ensino públicas e privadas da cidade de Sobral:

Uma coisa é a juventude galera que estuda, sei lá, no Luciano (escola privada) e outra coisa é a Juventude que estuda lá na Carmosina (escola pública) que muitas vezes é esquecida, né?! Os alunos que estudam lá não são valorizados, parece até que são menos capazes (S., 17 anos, estudante).

Nesse discurso é retratado como o sistema de ensino acaba sendo o reprodutor das desigualdades. Aponta para a desvalorização dos estudantes e da

própria rede pública de ensino pelos segmentos da sociedade, sobretudo as empresas que tendem a desvalorizar estudantes dessas escolas.

Para os autores Rado e Boneti (2009), as políticas de educação são importantes instrumentos para promover ascensão social. Mas de acordo com os autores isso ainda está longe de ser uma realidade:

A política educacional tem igualmente a pretensão de suprir um quadro de carência real, que seria diminuir a exclusão das camadas populares. Mas, apesar de significativos contingentes das camadas populares terem tido acesso à escola, a educação proporcionada a esta população ainda carece de qualidade. Mesmo compreendendo que a universalização da educação básica é um importante critério de justiça social e serve para dimensionar a efetividade da política educacional, não significa a garantia a essa população mais vulnerável de acesso à educação e a permanência ou, que esses jovens tenham condições de concluir seus estudos (RADO & BONETI, 2009, p. 360).

A violação do direito de ir vir e do direito à vida é, também, constantemente apontada pelos sujeitos entrevistados, que relatam conviver com a insegurança de sair de casa, de circular nos bairros vizinhos, pela existência dos conflitos territoriais, e pela violência que é um fenômeno acentuado nas periferias da cidade. Em relação ao direito à vida, muito dos jovens disseram ter perdido amigos, conhecidos e até mesmo familiares por conta da violência, das disputas e conflitos entre as facções.

Segundo Leal (2004), os “excluídos socialmente”, que são aqueles que não se adequam completamente ao mercado capitalista, que são considerados descartáveis e que vivem o risco da eliminação, até mesmo física. É o que parece acontecer com os jovens moradores de bairros periféricos.

Todos esses fatores impactam diretamente no modo como esses jovens se constituem subjetivamente, na maneira como estabelecem suas relações com os outros, com o bairro e com a cidade onde moram, como planejam e visualizam o futuro, e como vivenciam a juventude.

Diante do apresentado, faz-se necessário refletir como essas temáticas estão sendo trabalhadas nas diferentes áreas e nas políticas públicas. Segundo Lopes *et al* (2008), embora haja investimentos de recursos públicos para desenvolver ações que garantam o desenvolvimento da cidadania de crianças e jovens, por parte do Estado, essas ações apresentam um caráter assistencialista:

O assistencialismo social se caracteriza por não representar, verdadeiramente, a incorporação de um novo elemento à cidadania. Os recursos canalizados para os fins de proteção social e os serviços prestados continuam, muitas vezes, a não ser vistos como direitos, mas como uma ‘esmola’ a ser concedida àqueles que demonstrassem sua condição de

incapazes de suprir por si mesmos as necessidades mínimas próprias e de seus familiares (Lopes *et al*, 2008, p. 35).

É relevante pontuar que grande parte das intervenções centra-se no nível institucional, pouco avançando para a dimensão territorial, para a inserção comunitária, para a conjugação de serviços que são necessários para o encaminhamento das necessidades daquela população. Dessa maneira, pouco contribui para a transformação da realidade desses jovens, para a diminuição da desigualdade e para a construção efetiva da cidadania.

Apesar do cenário de poucos investimentos em projetos que tentem atender as necessidades dos jovens e diminuir as desigualdades existentes, a cidade de Sobral vem se destacando em investimentos na educação, através de políticas que visem proporcionar aos alunos uma aprendizagem crítica e reflexiva e que fomentem o desenvolvimento de cidadãos. Isso é evidenciado no Plano Municipal de Educação, que em seu artigo 2º inciso I, define que:

Art. 2º O Plano Municipal de Educação - PME do Município de Sobral, tem como prioridade promover a melhoria da qualidade social da educação no município em todos os níveis, de modo a contemplar:  
I - Educação como direito de todos na perspectiva de educar para o exercício da cidadania, iniciando pela aquisição de conteúdos curriculares (SOBRAL, 2015, P. 01).

Essa perspectiva de uma educação crítica é percebida e reconhecida pelos alunos, apesar de sentirem a desigualdade presente entre instituições de ensino públicas e privadas, eles enxergam na escola um espaço de discutir e repensar essas realidades, como relata um dos jovens em seu discurso:

Meu sonho é me formar. Sobral é uma cidade universitária, aqui é uma cidade que se investe na educação, tanta gente vem de fora para estudar aqui. Foi na escola que eu comecei a militar, eu sou secundarista, participei da ocupação do meu colégio, e isso é muito bom. A gente se reúne com a galera do movimento em si, que é uma galera super revolucionária, como eu mesmo me sinto revolucionário, é uma galera que tá aí na rua pra tentar mudar o cotidiano, tentar mudar o Brasil que a gente quer né, tentar ser uma coisa que não seja só dos que tão no poder, mas uma coisa que seja do povo, que a gente possa se sentir bem (S., 17 anos, estudante).

Dessa forma a educação se apresenta para esses jovens como um espaço de luta, de reivindicação, de construção de uma realidade melhor, sendo que a escola para eles é um espaço de cidadania. Esse reconhecimento reafirma a importância de lutarmos por um espaço escolar crítico, que construa em nossos jovens a capacidade

de refletir e questionar a realidade de seus bairros, de sua cidade e do país. Escolas que os incentive a pensar, criticar, lutar e transformar.

### **4.3 Juventudes, periferia e o acesso desigual à cidade: margens de Sobral**

A cidade de Sobral, localizada ao norte do Ceará se constitui como uma das principais cidades do Estado. Destacando-se como um importante centro de compras e serviços regionais, sendo referência para a região Norte. Essa influência concedeu a cidade o título de “princesinha do Norte”, caracterizando seu prestígio.

Apesar dessas características desenvolvimentistas Sobral foi apontada pelos jovens entrevistados, moradores de diferentes bairros do município, como uma cidade desigual, onde tal fenômeno se apresenta, segundo eles, até mesmo na sua constituição socioespacial.

Segundo Sousa (2015) em seu texto que resgata a historiografia sobralense, aponta que a cidade de Sobral teve sua história marcada pela divisão dos espaços públicos, sua infraestrutura revela que desde a construção do centro Urbano, as praças, as igrejas e os prédios históricos foram estruturados de forma a separar espaços frequentados pela elite e famílias influentes, e os locais frequentados pelos escravos e empregados.

Na estrutura da praça do Teatro São João essa divisão fica evidente, segundo a autora, a praça foi dividida em duas alas, “tão logo que foi inaugurada a segunda ala, a elite elegeu-a como privativa, ficando a outra destinada a empregadas domésticas e outras classes modestas, numa discriminação social feita natural e pacificamente, sem controvérsia” (SOUSA, 2015, p 11).

O município de Sobral é dividido, tanto o centro, como bairros e distritos, pelo rio Acaraú. Logo, a cidade se divide a partir das margens do rio, em margem esquerda onde está localizado o centro, lugar em que estão concentrados as atividades e os equipamentos de lazer e cultura e a margem direita que concentra os bairros e comunidades periféricas. Tal divisão é ressaltada pelos moradores da cidade, que percebem e experienciam a distinção entre as margens, como aponta a jovem entrevistada:

Agora eu gostaria que a cidade fosse um pouco mais igual, eu acho que ainda tem muito isso, não é igual, as coisas aqui do Centro... O Centro é mais valorizado do que a periferia, tem um abandono, um descaso, muito grande,

eu falo isso porque eu moro numa periferia, então, lá é abandonado pelo poder público e tal. Eu acho que seria melhor se fosse mais focado lá também ou fosse distribuído, né, a atenção entre esses dois lugares (F., 20 anos, estudante).

No discurso acima, assim como em outras falas dos jovens entrevistados é assinalada a disparidade entre o centro e a periferia, onde se percebe a desvalorização dos locais e das pessoas que habitam as margens periféricas da cidade. Essa desigualdade aparece através de múltiplos fatores, até mesmo fatores subjetivos que não estão explícitos tão diretamente quanto a infraestrutura da cidade, mas que são percebidos por quem vivencia essa realidade, como por exemplo, o fato de todos os eventos culturais e artísticos promovidos pelo poder público acontecerem nos espaços do centro, onde a juventude periférica não tem acesso e por isso sentem-se excluídos.

Segundo Lefebvre (1974), a cidade é um espaço de diferenças, para o autor não podemos achar que essas diferenças ocorrem apenas nas interações entre os sujeitos, as diferenças também se apresentam nas determinações de onde se pode circular ou residir, assim como nos valores que são atribuídos a quem circula ou habita tais espaços (LEFEBVRE *apud* CASTRO *et al*, 2006, p. 439).

De acordo com Castro *et al* (2006) a cidade se apresenta como um espaço de trocas, capital, social e cultural. Para a autora as cidades são marcadas pelo diferente, pelo diverso, que se configuram, se apresentam e são representados nos espaços públicos. Entretanto, saliente que conviver com o diferente não é fácil e às vezes se torna fonte de angústia e insegurança. Nas palavras da autora:

Atualmente podemos observar que a diversidade, longe de ser representada como possibilidade de expansão do conhecimento, conjuga-se cada vez mais ao movimento de multiplicação de grupos, onde se estabelece fronteiras nítidas entre quem está dentro e quem está fora, quem pertence e quem é excluído. (CASTRO *et al*, 2006, p. 438).

Como um desses grupos que se estabelecem e se multiplicam nas cidades, os jovens dos bairros periféricos de Sobral mostram que a diversidade e a diferença que os constituem enquanto jovens e sujeitos sociais, os colocam de fora dos espaços centrais, os excluem de forma simbólica, de atividades, lugares e até mesmo, de relacionamentos com outros jovens. Essas diferenças, promotoras de desigualdade, dão conta de uma dinâmica subjetiva, que permeiam a construção desses jovens, suas percepções de si, dos outros e dos lugares onde se inserem.

Vale ressaltar que as distinções e visões que se constroem acerca das juventudes periféricas são fruto da realidade de extrema desigualdade social que vivenciam. Tais concepções acabam por provocar consequências concretas no desenvolvimento da identidade destes jovens, de forma que eles começam a se enxergar e também se excluírem por não achar um espaço “apropriado” para eles e para que suas demandas sejam escutadas e atendidas.

Os jovens entrevistados encontram nos projetos sociais, associações e organizações não governamentais que participam, o espaço que necessitam para atender suas demandas, compartilhar vivências, discutir e problematizar suas realidades, além de ter acesso à cultura. Isso é potencializado pelo fato desses órgãos estarem presentes nos territórios onde eles moram.

Meu dia a dia é um pouco até corrido, devido aos movimentos sociais que eu participo né, os atos dos próprios movimentos sociais, e do Instituto Teias da Juventude também, estou aqui os dias, nas rodas de conversa, no cine comunitário, a gente constrói e desconstrói coisas nesse espaço, quem somos, qual nosso lugar, quais nossas possibilidades, e tudo é em prol da comunidade, do bairro, dos jovens daqui (S. S., 16 anos, estudante).

Assim, percebo que essas instituições são fundamentais para a formação cidadã e social dos jovens que pude escutar, pois são nesses ambientes que eles encontram espaço, visibilidade e potencial enquanto sujeitos construtores da realidade que vivem.

#### **4.4 Preconceitos e estigmas como marcadores subjetivos de desigualdade**

As associações pejorativas dos jovens pobres, moradores de bairros periféricos, sobretudo negros com a violência e a criminalidade é algo corriqueiro. Segundo Coimbra e Nascimento (2003), com advento do capitalismo industrial que fez surgir o que Foucault (1988) chamou de sociedade disciplinar, o que passou a ser preocupação dos órgãos de controle foram as possíveis pessoas que poderiam cometer infrações, a partir disso passaram a ser mapeados os atributos dos supostos delinquentes, dessa maneira os jovens que carregavam as características acima citadas, passaram a ser controlados e, conseqüentemente, estigmatizados.

Coimbra (2001) salienta que nas últimas décadas a mídia passou a vincular de forma mais intensa notícias e reportagens sobre a violência e a criminalidade nos grandes centros do país. A autora observa que tal fenômeno vai de encontro com a

expansão das cidades e conseqüentemente o aumento das desigualdades e da pobreza, o que fez com que uma grande massa de sujeitos que não se inseriam no sistema capitalista industrial, dentre eles os desempregados, passassem a se tornar preocupação das políticas assistenciais do Estado. Com o aumento dessa população, passou a se focar nas ações em torno do combate ao crime, vinculadas diretamente a sujeitos que vivenciavam o desemprego e baixas condições financeiras.

Diante desse cenário a periferia começou a ser vista como o espaço das mazelas sociais, de violência do tráfico e os jovens moradores desses bairros, ficaram conhecidos como os pobres potencialmente perigosos. Tal discurso é disseminado e chegou até os jovens entrevistados:

É que existe muito estigma com os jovens periféricos. Existe os estigmas que os jovens periféricos, eles não são pessoas de bem, que ele geralmente faz o que não deve ou que ele faz uso de alguma 'coisa', enfim, que aqui só tem violência e tráfico, é isso que as pessoas dizem, é assim que as pessoas enxergam a periferia (F. M., 23 anos, estudante).

Para Goffman (1978), um dos principais teóricos que trabalham o conceito do estigma social, considera que esse fenômeno pode ser definido como marcas, impressões deterioradas acerca dos sujeitos, que os desqualificariam em relação às pessoas tidas como "normais", ao ponto de incapacitá-los para a plena aceitação social. É assim que os estigmas que esses jovens recebem repercutem em suas relações, como impressões que os desqualificam enquanto sujeitos sociais.

As Políticas de controle abordam essa vinculação do jovem periférico à violência e à criminalidade, o que acaba por justificar intervenções violentas, para garantir uma suposta segurança (LACAZ; LIMA; KECKERT, 2015, p. 60). Entretanto, tais ações acabam reproduzindo estigmas e preconceitos a respeito de uma certa parcela de jovens. Souza e Paiva (2012, p. 357), apontam que, no Brasil existe uma distinção que coloca os jovens de classes sociais diferentes em oposição, logo, para os "jovens pobres, resta o estigma da marginalidade e associação à violência e criminalidade e para os demais, prevalece a ótica progressista, embasada na ilusória liberdade individual".

A associação desses jovens pobres, moradores de periferias a ilegalidade, tem sido motivo de exclusão social desses sujeitos, o que implica em marcas em suas existências, inclusive a de naturalizar e aceitar como seus, tais estigmas.

Apesar desses rótulos preconceituosos estarem fortemente vinculados aos jovens de periferia, no diálogo com os sujeitos entrevistados pude perceber que

existem outras relações constituídas por eles, entre a própria juventude e entre os locais periféricos que habitam, que vão além da violência e da criminalidade. Os jovens enxergam as potencialidades e os valores positivos dos seus bairros e das pessoas que ali residem, como cantado no rap por uma das entrevistadas:

Da ponte pra cá rola cultura, educação, Rola mano com grafite, poesia feita à mão, Rola rap, rola funk, não é só a violência, Rola a sabedoria ausente em várias presidências. Da quebrada que eu venho a gente tem nosso valor Seja pobre, seja rico, sem espinhos somos flor Mas tem gente alienada que constrói imagem errada, E o meu povo, a minha gente, é vista como ameaça (S. S., 16 anos, estudante).

Diante das experiências compartilhadas por esses jovens, pude entender que na periferia coexistem estigmas, preconceitos, desigualdades, vidas que convivem com a violência, como a criminalidade, mas que constroem laços afetivos, sonhos, lutas, cultura e resistências.

Esses jovens em seus discursos apontam a arte e os movimentos sociais como forma de desconstruir esses padrões que lhes são impostos:

Então a gente tá aí, vamos ver se a gente constrói algo novo para o Caiçara, para a juventude Sobralense. Esse é o meu objetivo e dos meus companheiros dos movimentos, a gente pinta a cara e mostra pra todos o que somos, através da arte e dos movimentos a gente tem oportunidade de apresentar nossa realidade nosso cotidiano, porque na favela também tem cultura, tem pessoas do bem, trabalhadoras (P. H., 22 anos, Educador social).

É através da arte e dos movimentos em que estão engajados que os jovens das periferias sobralenses tentam apresentar novas imagens do que é ser jovem, da cultura de seus territórios, dos modos como se constroem e percebem sua realidade, para além da violência, da desigualdade e dos estigmas.

#### **4.5 Juventude e resistência: o sonho de uma cidade igual**

Ouvindo as histórias dos jovens entrevistados pude perceber em seus discursos a não aceitação das produções e das forças que os colocam em lugares marginais. Observei que as juventudes das periferias Sobralenses anseiam por uma cidade onde as desigualdades sejam diminuídas, para isso criam formas de resistir e mudar a realidade e as disparidades que surgem em seus cotidianos.

Acho que meu maior sonho hoje, não é um sonho pessoal e sim um sonho coletivo, talvez seja até uma utopia, e muitos enxergam assim, mas eu acho que não, eu queria ver um Sobral diferente, um Sobral mais pra frente, um

Sobral mais humanitário, um Sobral igual pra todo mundo, e eu sonho com isso e eu luto para isso (P. H., 22 anos, educador social).

Assim como na fala acima, o desejo de uma cidade mais igualitária, com mais oportunidades e espaços para a juventude da periferia é algo recorrente nas falas desses jovens, que deixam registrados o seu descontentamento com a desigualdade que os persegue, com a desvalorização dos locais que habitam e dos próprios sujeitos que lá se constituem.

Esses jovens apontam para uma realidade que eles querem ver transformada e nos mostram uma vontade de fazer parte da luta por essas mudanças. Embora acreditem parecer uma utopia a concretização de algumas melhorias nos âmbitos da educação, saúde, segurança, esses jovens sabem que isso precisa ser buscado. Têm a consciência que os direitos que os são garantidos, muitas vezes não chegam até eles:

Somos jovens que estamos na luta, por direitos iguais, direitos que a gente possa se sentir bem, que a gente possa, é, que todo mundo seja igual, com direitos iguais, como já dizia o Estatuto né, temos direitos iguais né, mas a gente se pergunta “de quem são esses direitos? Porque não chega pra mim, não chega pra um jovem de periferia, não chega a um jovem negro, não chega a um jovem LGBT. Então é isso, meu sonho é a gente tenha o direito igual, todos tenham o direito igual (S., 17 anos, estudante).

Encontrei no trabalho uma juventude sonhadora, que anseia muitas vezes por direitos que já os pertencem, mas que não são concretizados, e que por isso são vistos como sonhos, como metas e desejos, quando na verdade deveriam ser uma realidade:

O meu sonho, hoje, aproveitando o ensejo do período né, que é a partir do dia da visibilidade trans também, eu queria que as pessoas fossem menos preconceituosas. E eu acho que eu sinto isso. Talvez esse seja meu maior sonho, que a gente possa aceitar a diversidade de pessoas que existe, as juventudes, de cultura, de credo, de tudo, né. Porque o que eu mais sinto na pele e o que eu mais tenho sentido, desse meu processo de amadurecimento né, de sair da adolescência pra juventude e pra fase adulta, é do preconceito. Principalmente com as pessoas transexuais. O que eu mais sonho é ter um atendimento digno, atendimento de saúde digno, de ter a segurança que a gente merece mesmo (L., 19 anos, Produtor audiovisual).

Esses jovens entendem a importância de suas participações na construção de novas práticas, que visem minimizar as desigualdades sociais vividas. Por isso, buscam algumas formas de resistirem e de fugirem dos processos de assujeitamentos que estão colocados.

Segundo Oliveira e Marques (2016), podemos entender a resistência “como uma força que é capaz de provocar um movimento de não enquadramento e de não adaptação a determinados formatos”. Tal força, tem o poder de gerar novas realidades. Portanto, resistir, para as autoras é:

A possibilidade de criação de versões próprias de subjetividades, ou seja, modos de ser que procuram escapar, de certo modo, dos processos de assujeitamento. A resistência é algo que faz parte das relações humanas e que se configura como um movimento de reelaboração de si mesmo e de formas outras de vida, diferentes das predeterminações das sociedades de controle. Persistência em dar vida à sua própria existência. Essa resistência se constrói a partir das experiências de vida, da família, de grupos de referência; e se volta à construção de formas plurais de ser (OLIVEIRA & MARQUES, 2016, p. 1209).

Como principal forma de resistência e de luta por uma cidade igual, os jovens apontam a arte como uma ferramenta capaz de escapar e ultrapassar as barreiras que os são colocadas. Acreditam ser essa a forma de minimizar as desigualdades presentes em seu cotidiano, como pontua um dos jovens:

Eu gosto muito de fazer arte, pra mim a arte é uma forma de expressar seus desejos, quem você é, de existir. Eu gosto muito de produzir arte, adoro mexer com customização, de atuar, porque através da arte posso construir a realidade que quiser (P. H., 22 anos, educador social).

Lacaz, Lima, Heckert, (2015), sustenta que a arte é algo singular por ter a capacidade de produzir em nós coisas que não experimentamos anteriormente. “Ela comporta a potência de fazer diferir nossos modos de estar no mundo, através da criação e do rompimento com as prescrições que hoje enquadram nossas vidas a modelos com fronteiras tão bem demarcadas” (p. 63).

Seja através da arte, da militância social, seja questionando os direitos que possuem, os jovens entrevistados se mostraram sujeitos ativos na construção de suas realidades, embora, muitas vezes esses modos de resistir e de se constituir subjetivamente e socialmente não seja o que se espera deles. Com isso, mais uma vez eles se fazem resistência e extrapolam as expectativas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discuti, a partir das experiências compartilhadas com os jovens moradores de periferias da cidade de Sobral, as percepções e visões desses sujeitos acerca de como a desigualdade social se apresenta em suas realidades e em seus territórios. Busquei investigar como os aspectos subjetivos que compõem esse fenômeno refletem na construção dessas juventudes.

Em meio a contextos onde há uma superexposição da figura do jovem, e que são depositadas neles expectativas de futuros brilhantes, desenvolvimento pessoal e profissional, outras dimensões que envolvem a construção social desses sujeitos foram evidenciadas. Buscando discutir como as realidades sociais que vivenciam impactam e determinam seu desenvolvimento e ainda como os bairros e a cidade tem contribuído para isso.

O trabalho me fez reafirmar que não existe um modelo e um padrão de ser jovem. Essa categoria trata-se de construção histórica, social e cultural. Sendo assim, nas entrevistas pude encontrar jovens plurais, diversos, com histórias e vidas marcadas por fatores distintos, que permitiram a construção de sujeitos únicos e singulares.

Em Sobral, a desigualdade social é percebida pelos jovens através de múltiplos aspectos, na infraestrutura e divisão dos locais públicos da cidade, no acesso diferente a bens e serviços, como saúde, educação, trabalho e lazer. Principalmente através dos estigmas e preconceitos que são construídos e praticados com os jovens da periferia.

Portanto, podemos considerar que o presente trabalho não buscou falar sobre ou dar voz a esses jovens, e sim ouvir o que eles têm a falar, das realidades que enfrentam, das lutas em busca de espaços e direitos, dos lugares que percorrem e dos sonhos que almejam alcançar. Foi assim que se fez relevante abordar a temática da desigualdade social, pois tal fenômeno não foi pensado previamente, e sim mostrou-se como um tema relevante por ser fator constituinte e presente na formação subjetiva e na realidade desses sujeitos sociais.

A forma como o trabalho foi pensado e organizado carrega o meu olhar e as minhas impressões pessoais sobre o fenômeno. Os recortes e a organização das falas e dos discursos perpassam as minhas experiências e o contato que tive com essa juventude. Tais fatores podem ser apontados como limitação do estudo,

entretanto, por se tratar de um relato de experiência são esses sentidos que se fazem relevantes.

Considero que o presente trabalho foi uma forma de olhar de modo diferente para os jovens da periferia. Foi uma oportunidade dessas juventudes mostrarem quem e o que são, para além dos rótulos e estigmas, ressignificando espaços e buscando entender suas histórias e vivências.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, W. H. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, M. V. (org), **Juventude e Adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo, Ed. Arte e Educação, 2005.
- ARRET, M. Democracia e redução da desigualdade econômica no Brasil: A inclusão dos outsiders. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - VOL. 33 Nº 96. São Paulo, 2018, p. 1-23.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 1977, p. 226.
- BOCK, A. M. B. Psicologia e Desigualdade Social. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**. 2016 Dez 5(2):255-262.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. *João Wanderley Geraldi*. **Revista Brasileira de Educação**, Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.
- BRASIL. **Projeto Juventude e prevenção da Violência**. Brasília: Ministério da Justiça, 2010, p. 01-59.
- CARVALHO, J. M. de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CASTRO, L. R. *et al.* A construção da diferença: jovens na cidade e suas relações com o outro. **Psicologia em Estudo**, vol. 11, núm. 2, janeiro-abril, 2006, pp. 437-447.
- COIMBRA, C. M. B. **Operação Rio: o mito das classes perigosas**. Niterói: Intertexto, Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2001.
- COIMBRA, C. M. B.; NASCIMENTO, M. L. Jovens pobres: o mito da periculosidade. In: Fraga e Iulianelli (orgs.) **Jovens em tempo real** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- CORBUCCI, P. R. *et al.* Situação educacional dos jovens brasileiros. In: CASTRO, Jorge Abraham; AQUINO, Luceni Maria Cordeiro; ANDRADE, Carla Coelho (Org.). **Juventudes e políticas sociais no Brasil**. Brasília, DF: IPEA, 2009. p. 91-108.
- CORROCHANO, M. C. *et al.* **Jovens e trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas**. São Paulo: Ação Educativa: Instituto Ibi, 2008. p. 91.
- DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*. Set /Out /Nov /Dez 2003 No 2.
- Goffman, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada** (2ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**: síntese dos indicadores 2011. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**: síntese dos indicadores 2011. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

LACAZ, A. S., LIMA, S. M.; HECKERT, A. L. C. Juventudes periféricas: arte e resistências no contemporâneo. *Psicologia & Sociedade*, 27(1), 2015 p. 58-67.

LEAL, G. F. A Noção de Exclusão Social em Debate: aplicabilidade e implicações para a intervenção prática. XIV **Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, 2004.

LÉON, O. D. Adolescência e Juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M. V. (org), **Juventude e Adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo, 2005.

LEONARDI, J. L. Breves considerações sobre a concepção do objeto de estudo da Psicologia para Wundt e para Brentano. *Rev. Psicol. (Belo Horizonte)* [online]. 2011, vol.17, n.1, pp. 1-15. ISSN 1677-1168.

LOPES, R. E *et al.* Juventude Pobre, Violência e Cidadania. **Saúde e Soc.** São Paulo, v.17, n.3, p.63-76, 2008.

MARSHAL, T. H. **Cidadania, Classe Social e Status**. Rio de Janeiro: Zahar ed., 1967.

MINAYO, M. C. de S. (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. **Rev. Vozes** 18 ed. Petrópolis 2001.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**. Porto Alegre, p. 7-32, 1999.

NERI, M. Desigualdade de renda na década. São Paulo: **FGV/CPS**, 2011.

NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa – Características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**. São Paulo, 1996, p. 1-5.

NUNES, A. L. F; SILVA, M. B. C. **A extensão universitária no ensino superior e a sociedade**. ed. 15. Minas Gerais, 2011.

OLIVEIRA, M. L; MAEQUES, L. R. Políticas de juventude e resistência. **Duc. Soc.**, Campinas, v. 37, nº. 137, p.1203-1222, out.-dez., 2016.

OLIVEIRA-JUNIOR, J. *et al.* **Cidadania e Juventude**. Rio Grande do Norte, 2014.

PEIRANO, M. G. S. “Sem lenço, sem documento”: reflexões sobre cidadania no Brasil. Sociedade e Estado: **revista semestral do Departamento de Sociologia da UnB**. Vol. 1. Brasília, 1986.

POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Manaus: Editora Imprensa Universitária, mai-2012.

RADO, S. C.; BONETI, L. W. A juventude em condição de vulnerabilidade social e as políticas de acesso a educação. PUCPR- São Paulo, out. 2009.

RAITZ, T. R. E.; PETTERS, L. C. F. Novos desafios dos jovens na atualidade: Trabalho, educação e família. **Psicologia & Sociedade**, 20(3), 408-416, 2008.

REY, G. F. L. **Sujeito e Subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo:Thomson Learning, 2003.

ROSSATO, M.; MARTÍNEZ, A. M. Desenvolvimento da subjetividade: análise de histórias de superação das dificuldades de aprendizagem. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 17, Número 2, Julho/Dezembro de 2013, p. 289-298.

REY, G. F. L. O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In: **GONZALEZ REY, F. L. (Org). Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Thompson Learning, 2005.

SANTOS, L. N., *et al.* A Dimensão Subjetiva da Subcidadania: Considerações Sobre a Desigualdade Social Brasileira. **Psicologia: ciência e profissão**, 2013, 33 (3), 700-715.

SILVIA, K. A. T. S & CAPPELLE, M. C. A. **A Teoria da Subjetividade e a Epistemologia Qualitativa de Gonzalez Rey como Possibilidade Teórico Metodológica nos Estudos de Administração**. Brasília, 2013, p. 1-13.

SOBRAL. Plano Municipal de Educação: lei nº 1477 de 24 de junho de 2015. Sobral, 2015

SOUZA, J. A construção social da subcidadania: por uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG; Rio de Janeiro: **IUPERJ**.(Coleção Origem), 2003.

\_\_\_\_\_. J. A Gramática social da desigualdade Brasileira. **RBCS Vol. 19 nº. 54.** /2004.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In **J. Souza (Org.), A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte, MG:Editora UFMG, 2006, pp. 9-21.

SOUSA, J. P. **Cidade de sobral**: percurso bibliográfico. Sobral, ano 4, v.1, n. 7, JUL/DEZ 2015, p. 4-25. ISSN: 2317-2649.

SOUZA, C. de; PAIVA, I. L. de. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o Real. **Estudo de Psicologia**. Natal, p.353-360, set-dez. 2012. Disponível em: <<file:///C:/Users/Dayse/Downloads/02.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

TRANCOSO, A. E. R. **Juventudes: o conceito na produção científica brasileira.** Dissertação (Mestre em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió: 2012.